



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFACIG

**ARQUITETURA DA ESTÉTICA: A DESVALORIZAÇÃO DO BELO NO AMBIENTE
CONTEMPORÂNEO**

Milena Karolina Alves de Souza

Manhuaçu - MG
2020



ARQUITETURA DA ESTÉTICA: A DESVALORIZAÇÃO DO BELO NO AMBIENTE CONTEMPORÂNEO

Milena Karolina Alves de Souza

Luana O. G. Moreira

Curso: Arquitetura e urbanismo Período: 9º Área de Pesquisa: Arquitetura

Resumo: O presente artigo apresenta a questão da falta de valorização da beleza no ambiente contemporâneo. Foram abordados conceitos clássicos a respeito do Belo, abordados por grandes filósofos e pensadores, buscando compreender brevemente as principais definições. A presente pesquisa, de natureza básica, caráter exploratório e abordagem qualitativa, teve a revisão bibliográfica e o estudo de caso como base metodológica. Objetivou compreender brevemente as principais definições clássicas de beleza, buscando demonstrar seu abandono no cotidiano diante dos seus conceitos primários clássicos. Teve como objetivo geral, estudar o papel do belo na vida cotidiana, buscando compreender sua importância e os impactos de sua desvalorização. Viu-se que beleza tem um papel importante para a sociedade, ao passo que contribui para a qualidade de vida, podendo revelar-se através de coisas comuns do cotidiano, mostrando que a verdadeira estética exalta a vida e tudo que está a ela relacionado. Foi realizada uma observação da paisagem urbana do município de Ibatiba-ES, a fim de ilustrar a desvalorização da beleza pelas pessoas que residem no local. A partir do levantamento bibliográfico, verificou-se que este cenário não está presente apenas na cidade em questão. Posteriormente, foi possível apresentar um comparativo entre uma cidade onde a *venustas* não se apresenta como um elemento estruturante, mostrando a fealdade do local e de suas paisagens, em contraponto, mostrou as cidades que possuem obras e paisagens belas, em que seus aspectos estilísticos ornaram com o seu entorno, trazendo elegância e sutileza.

Palavras-chave: Belo; Estética; Arquitetura; Cotidiano; Arte.



1. INTRODUÇÃO

De acordo com Vitruvius (1º SÉC.d.c.), a arquitetura se baseia em três elementos fundamentais que, somados, formam a tríade vitruviana: a *firmitas* (Firmeza) que se refere à estabilidade, ou seja, pode ser entendido como sendo os aspectos técnicos e construtivos de um projeto arquitetônico; a *utilitas* (Utilidade) refere-se à comodidade e posteriormente foi associado à função e ao utilitarismo; e a *venustas* (beleza) que consiste na beleza e na apreciação estética.

Segundo Platão, a beleza existe nela mesma, no mundo das ideias, e não no mundo sensível que é o mundo real e concreto. O belo está relacionado à noção de perfeição, verdade e bondade, portanto, tudo que é belo também é verdadeiro e bom pois ele considera a beleza como a estética do bem. Para o filósofo as obras de arte que se limitam a copiar a natureza afastam o homem da real beleza (PLATÃO, 376 a.C./ 1993).

Para Scruton (2009), a beleza é um valor tão importante quanto a verdade e a bondade, tendo, no entanto, deixado de ser relevante no século XXI, quando a arte se focou em perturbar e quebrar tabus morais, assim como a arquitetura tornou-se fria e estéril. De acordo com o autor, esta ausência de beleza não é observada somente o entorno físico que se tornou feio: a linguagem, música e maneira, estão cada vez mais rudes, autocentradas e ofensivas, de modo que a beleza e o bom gosto parecem não ter mais lugar na vida das pessoas.

Assim, a problemática desta pesquisa consiste no afastamento do homem contemporâneo da beleza natural, o que distanciou a beleza platônica da vida, do cotidiano e da arquitetura, tornando-a menos valorizada e com isso, esquecida enquanto um dos pilares lançados por Vitruvius. Atualmente a beleza tem ficado em segundo plano e a prioridade tem sido a funcionalidade.

O presente trabalho pretende compreender brevemente as principais definições clássicas de beleza, buscando demonstrar seu abandono no cotidiano diante dos seus conceitos primários clássicos. O estudo tem como objetivo geral estudar o papel do belo na vida cotidiana, buscando compreender sua importância e os impactos de sua desvalorização.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Conceitos primários clássicos de beleza

Desde a antiguidade até os dias atuais, a beleza percorreu um extenso caminho. A palavra “belo” foi traduzida do grego *Kálon*, que se refere a tudo aquilo que agrada, porém, esse simples conceito foi questionado e modificado algumas vezes ao longo do tempo (SCRUTON, 2009).

Na antiguidade, Platão defendia a ideia de que a beleza não estaria ligada a um objeto físico, sendo ela mesma uma existência autônoma. Para o filósofo a beleza estaria em tudo aquilo que se relacionasse à ideia geral de beleza, que, segundo ele, estava na concepção de harmonia e proporção do ambiente natural e sem imitação. De acordo com Platão, o belo estava associado à noção de perfeição, verdade e bondade, sendo assim tudo que é belo também é verdadeiro e bom. O pensador acreditava que a representação mais genuína da beleza se encontrava nas proporções e harmonias das formas naturais. Por este motivo, ele apreciava as formas

geométricas, pois estas reproduziam as grandezas da natureza (PLATÃO, 376 a.C./ 1993).

Apesar de sua grande admiração pela geometria, que se configurava como um tipo de imitação das formas naturais, Platão se desagradava com todas as outras tentativas de imitação da natureza. A arte como mimesis significa imitação, cópia ou representação da natureza e, segundo Platão, esta não era bela, primeiramente por que a beleza só estaria na própria natureza e não na sua imitação (PLATÃO, 376 a.C./ 1993).

Seguindo a mesma linha de raciocínio de Platão, Pitágoras reuniu a matemática, as ciências naturais e a estética, estudando as proporções das formas da natureza traduzidas em números. Pitágoras acreditava que é da combinação entre matemática, forma e natureza que vem o verdadeiro valor estético das coisas, dando assim, também como Platão, um caráter universal à beleza (ECO, 2004).

Socrátes reafirmou o conceito de bom e belo e incluiu o belo dentro da categoria do útil, ou seja, ele partiu para o conceito de que a forma é inseparável da função. Na sua visão, “o belo é útil”, isto é, o belo não está somente ligado à aparência de um determinado objeto, mas também ao quão útil ele é (ECO, 2004).

Aristóteles apresentou um conceito mais extenso sobre o que seria belo. Para ele, a beleza pode ser uma cópia, mas, além disso, pode ser também uma reinterpretação da imitação. Deste modo, o belo pode ser uma imitação das coisas possíveis que ainda não existem, mas podem vir a tornar-se realidade. Desta maneira, o belo podia surgir da imaginação do ser humano, e não só de coisas que já existiam. Assim, Aristóteles acreditava que a arte era essencial, pois tinha a capacidade de causar um impacto benéfico no ser humano, a libertação, que seria o prazer estético, uma explosão de sensações (ECO, 2004).

Na Idade Média o belo era considerado não só aquilo que se submete à harmonia e à proporção da natureza, mas especialmente aquilo que está diretamente relacionado à religião. Apesar desse período ser conhecido como a idade das trevas, constata-se, por meio de suas artes, o contrário. Essa época, na pintura e na poesia, se revelou como a idade das luzes, pois nas artes medievais, a personificação de Deus seria a luz (ECO, 2004).

Uma época de grandes mudanças para a estética foi o século XVIII. Pensadores iluministas de grande importância para o período, incluíram a razão nos conceitos sobre a beleza. Immanuel Kant conceituou que o belo não estaria no objeto observado, tampouco num conceito universal de beleza, mas sim no sujeito que o compreende, portando, o belo seria a própria percepção do homem. É nesse momento da estética em que o juízo de gosto entra e passa a ser primordial o entendimento dessa ciência (ECO, 2004).

Para Immanuel Kant, a percepção não se trata apenas daquilo que é sensível, mas também do senso, daquilo que é raciocinado. Este pensador conceituou que qualquer animal pode ser sensitivo, no entanto, somente o ser humano é capaz de admirar o que é belo, pois é capaz de, ao mesmo tempo, sentir e pensar, sendo assim capaz para elaborar uma ideia sobre um objeto ao mesmo tempo em que o sente (ECO, 2004).

Para Vitruvius (1º SÉC.d.c), o belo estava ligado à harmonia e à estética. No tocante à arquitetura, o pensador lançou três princípios que, unidos, formam a tríade vitruviana, sendo eles: a *firmitas* (Estabilidade), a *utilitas* (Utilidade) e a *venustas* (Beleza). Segundo o filósofo, estes fundamentos surgem da mais perfeita proporção das formas, cuja união resulta em uma obra bela. Ao contrário de Platão, que tinha o

belo como algo exclusivamente presente nas figuras da natureza, Vitruvius acreditava que a beleza poderia ser atingida a partir da união dos aspectos citados.

Platão acreditava que a interpretação mais autêntica do belo se encontrava nas formas naturais. A partir deste pensamento, o filósofo Scruton (2009), defendia o conceito de beleza mínima, pois ele acreditava que as coisas simples e naturais da vida cotidiana a deixavam mais bela. Segundo o autor,

Existe uma ideia encantadora sobre a beleza que remete a Platão e Plotino e que foi incorporada ao pensamento teológico cristão. Segundo ela, a beleza é um valor supremo que buscamos por si só, sem ser necessário fornecermos qualquer motivo ulterior. Desse modo, a beleza deve ser comparada à verdade e à bondade, integrando um trio de valores supremos que justifica nossas inclinações racionais (SCRUTON, 2009, p.12).

Não existe um consenso em relação ao conceito do que pode ser considerado como belo, ou seja, não há somente uma definição para o que é beleza. Cada filósofo e pensador traz uma abordagem sobre o belo, sendo assim os conceitos clássicos abordados com mais ênfase neste artigo serão os de Platão e Vitruvius, sob o olhar apresentado pelo filósofo Roger Scruton.

2.2 A importância da estética para o homem

A beleza tem se mostrado essencial para a civilização por mais de 2000 anos. O belo é tudo aquilo que agrada e que ativa o senso e o sensitivo de maneira positiva, portanto, o feio tem o efeito contrário, tudo aquilo que não agrada e que ativa o senso e o sensível de forma negativa. Consequentemente se o feio causa sensações ruins, ele também seria o oposto de bom. Seguindo neste mesmo raciocínio, se o belo é tudo que causa coisas boas, ele estaria diretamente vinculado ao bom. Sendo assim, aquilo que é belo é, muitas vezes, também aquilo que é bom (SCRUTON, 2009).

Neste contexto, pode-se dizer que a beleza não está distante das pessoas, restrita às vitrines e aos conceitos de grandes pensadores, ela está aqui, dentro dos lares. A estética do cotidiano não é a estética do exótico, do inalcançável, do perfeito, mas sim do que é verdadeiramente agradável.

Deste modo, o belo carrega em si uma grande importância para o indivíduo, tendo um valor tão sublime quanto a verdade e a bondade, revelando-se através de coisas comuns do cotidiano, mostrando que a verdadeira estética exalta a vida e tudo que está ligado a ela, como a arquitetura, o paisagismo, a música, a natureza, a arte etc. Para Platão a beleza era uma visitante de outro mundo, ou seja, não se pode fazer nada com ela, exceto contemplar a sua radiante pureza (SCRUTON, 2009).

Não obstante, essas belezas mínimas são muito mais importantes para nossa vida cotidiana do que grandes obras que (se tivermos sorte) ocupam horas de lazer; elas têm uma participação muito mais complexa em nossas vidas (SCRUTON, 2009, p.21).

Nesta dinâmica, a estética é essencial para o cotidiano das pessoas, ao passo que contribuiu para a qualidade de vida. Quando se fala, por exemplo, em arquitetura, pode-se considerar a estética como um meio de se fazer arquitetura. Assim, a profissão do arquiteto, que é capaz de pensar e criar espaços que se conectam às aspirações das pessoas, e, além disso, espaços onde a vida moral e ética dos

cidadãos acontece, une-se à estética. Desta forma, é importante que se pense em estética e arquitetura juntas para que se possa construir o belo e o bom.

3. IMPACTOS DA DESVALORIZAÇÃO DO BELO NA VIDA COTIDIANA

Com o passar do tempo, a beleza platônica se distanciou da vida, do cotidiano e da arquitetura e dessa forma a funcionalidade tem sido a prioridade, enquanto a beleza fica em segundo plano. O mundo moderno não tem dado a importância e nem compreendido o real valor que o belo possui na vida cotidiana, com isso tem estado rodeado de feiura e indiferença (SCRUTON, 2009).

Segundo Scruton (2009), as pessoas não apreciam as coisas belas apenas por sua utilidade, mas pelo que são em si mesmas. Foi no século XVIII que essa ideia deu início a uma essencial distinção entre as belas-artes e as artes úteis. As artes úteis, como a tapeçaria, a carpintaria e a arquitetura, dispõem de funções que podem ser julgadas de acordo com o seu desempenho, entretanto, uma obra arquitetônica ou um tapete que são funcionais não são, obrigatoriamente, belos.

Ainda segundo o autor, no século XX a beleza deixou de ser importante e os arquitetos passaram a ficar impacientes com a beleza, substituindo-a pela utilidade, atribuindo valor às coisas de acordo com sua funcionalidade. A arte virou as costas para a beleza, tornando-se escrava da cultura do consumismo, alimentando prazeres e vícios e afundando-os em seu próprio desgosto. Neste contexto, a luxúria traz a feiura, a feiura da relação humana, onde uma pessoa trata a outra como um acessório dispensável ou até mesmo com desprezo, como se os indivíduos não importassem e não tivessem valor uns para os outros. A beleza perdeu sua essência e, com isso, perdeu-se o real sentido da vida (SCRUTON, 2009).

A beleza e o bom gosto parecem não ter mais lugar na vida das pessoas, coisas comuns que trazem beleza ao cotidiano têm perdido o valor. Para o autor, há uma beleza mínima, onde o belo em seu grau mais baixo pode estar distante das belezas que são consideradas “sagradas” da arte e da natureza. Práticas habituais como o ato de pôr a mesa ou arrumar o quarto são exemplos do minimalismo estético, ou seja, afazeres que parecem ser comuns não despõem do mesmo cuidado em que Beethoven ofereceu aos seus últimos quartetos, apesar de carregarem a beleza em si (SCRUTON, 2009).

Não obstante, queremos que a mesa, o quarto ou o website pareçam bons – e isso é algo que importa da mesma maneira como a beleza geralmente importa: não apenas porque agrada aos olhos, mas porque transmite significados e valores que nos são relevantes e que desejamos conscientemente expressar (SCRUTON, 2009, p.19).

Os grandes artistas do passado estavam cientes de que a vida humana é cheia de caos e sofrimento, entretanto eles tinham uma solução para esta angústia: a beleza. A bela obra de arte traz consolação na tristeza e afirmação na alegria. Ela mostra que a vida humana vale a pena. Muitos artistas modernos se esqueceram desta sagrada tarefa. O caos da vida moderna, eles pensam, não pode ser redimido pela arte, devendo ser, ao contrário, exposto. A arte necessita de criatividade e imaginação, ou seja, é sobre conceder a oportunidade de as pessoas enxergarem o mundo como o artista o vê (SCRUTON, 2009).

Na atualidade, a compreensão da importância do belo tem sofrido abandono perante os conceitos clássicos de beleza, sendo isso uma consequência da falta de valorização da estética por parte da sociedade. Na área da arquitetura não tem sido

diferente, ela tornou-se insensível e dura e com isso as pessoas perderam a preocupação com a estética e a fazem de qualquer jeito, pensando somente na funcionalidade. Existem diversos aspectos nas quais pode-se ressaltar a desvalorização arquitetônica, conforme Kingali, a capital da Ruanda (Figura 1) é possível observar a falta de padrão nas construções é frequente, pois existe uma grande maioria que não se preocupa com o acabamento exterior, perdendo a vida das construções e o real sentido das obras arquitetônicas, criando assim cidades intensas e caóticas (SCRUTON, 2009).

Figura 1 – Grande centro urbano com despadroneização e crescimento desordenado



Fonte: Jordi Borja, 2016.

Segundo Danto (2018), definir a arte virou uma questão imediata no século XX, quando objetos de aspectos comuns passaram a ser apresentados como obras de arte. O termo *ready-made* refere-se a principal estratégia artística de Marcel Duchamp (1887-1968), criado para titular um tipo de objeto de uso cotidiano, geralmente sem valor cultural, retirado do seu contexto habitual e tratado como um objeto artístico e exposto como obra de arte em museus e galerias. Portanto, a arte não soube explicar a razão de uma coisa ser considerada arte e a outra não, pois aparentemente não teria como esclarecer o fato de que uma obra era bela, e consequentemente a outra também deveria ser, visto que possuíam a mesma fisionomia.

A obra *Fountain* (Fonte) (Figura 2) criada em 1917 pelo artista Marcel Duchamp, era meramente um urinol comum e fabricado industrialmente, sendo considerado uma das obras mais representativas do dadaísmo na França. O artista tinha o objetivo de atribuir novos conceitos e perspectivas ao mundo das artes, desta maneira ele queria terminar com os conceitos e ideais clássicos em relação ao belo, contestando o que seria arte (DANTO, 2018).

Ora, o urinol de Duchamp podia até ser belo se considerarmos sua forma, superfície e brancura. Contudo, para mim, a beleza, no caso de estar presente, era incidental à obra, cujas intenções eram totalmente outras. Duchamp, em particular nos seu *ready-mades* de 1915 a 1917,

pretendia exemplificar a mais radical dissociação da estética em relação à arte (DANTO, 2018, p.11).

Figura 2 - Obra Fountain (Fonte) de Marcel Duchamp



Fonte: Alfred Stieglitz, 1917.

Para Danto (2018), os apoiadores de Duchamp conceituavam a beleza por trás da obra, sendo que várias pessoas acreditavam que ela era eventual. Entretanto a obra, por diversos motivos é desarmônica, ou seja, algo que não combina. Deste modo, pode-se imaginar duas exposições distintas, no entanto possuindo as mesmas obras, em uma mostra-se a beleza e na outra a desarmonia.

A concordância entre as concepções de Danto e Scruton é nítida, visto que Scruton (2009) faz uma crítica sobre a desvalorização que a beleza tem sofrido no ambiente contemporâneo e o lugar que esta ocupa no cotidiano, revelando que a ausência do belo não está somente no entorno físico, mas na linguagem e nas maneiras, estão cada vez mais rudes, de forma em que a beleza e o bom gosto parecem não ter mais espaço na vivência das pessoas. No mesmo sentido, Danto (2018) faz uma análise de que nos últimos anos alguns artistas, críticos e curadores passaram a enxergar a beleza de outra forma e o belo passou a ser visto como um crime estético, pois no século XX objetos comuns passaram a ser considerados como arte afastando-se da essência da beleza.

4. A ARQUITETURA FRENTE AO BELO

Como observado, a estética tem um papel essencial no mundo, tendo a filosofia refletido, desde a Grécia Antiga, sobre sua participação na arte, na música, na arquitetura e na vida cotidiana. Posteriormente pensadores e filósofos enalteceram a beleza como um conceito primordial, mostrando vários conceitos distintos sobre o belo.

Para Scruton (2009), minimalismo estético é o conceito de valor que são dadas às coisas comuns do cotidiano, mas que também são belas. Existem ambientes modestos que não brigam ou perturbam a arquitetura; neles residem justamente essa graciosidade, sem chamar atenção ou desejando a elevada condição da arte superior.

Na estética da arquitetura, a adaptação das coisas tem mais relevância do que as belezas atraentes, na qual forma um ambiente tranquilo e harmônico, um relato constante como aquela que vemos numa rua ou numa praça belas, onde nada se destaca de maneira agressiva ou desarmônica e as boas maneiras predominam.

A igreja de Longhena no Grande Canal (Figura 3) perderia sua presença confiante e significativa se as construções modestas que existem no entorno fossem substituídas por grandes centros comerciais de concreto armado como os que arruinam a Catedral de Saint Paul (Figura 4) perdendo a harmonia e beleza do ambiente em um contexto geral.

Figura 3 - A beleza mais intensa em um cenário simples



Fonte: Francesco Bianco, 2017.

Figura 4 - A beleza camuflada por um cenário imodesto



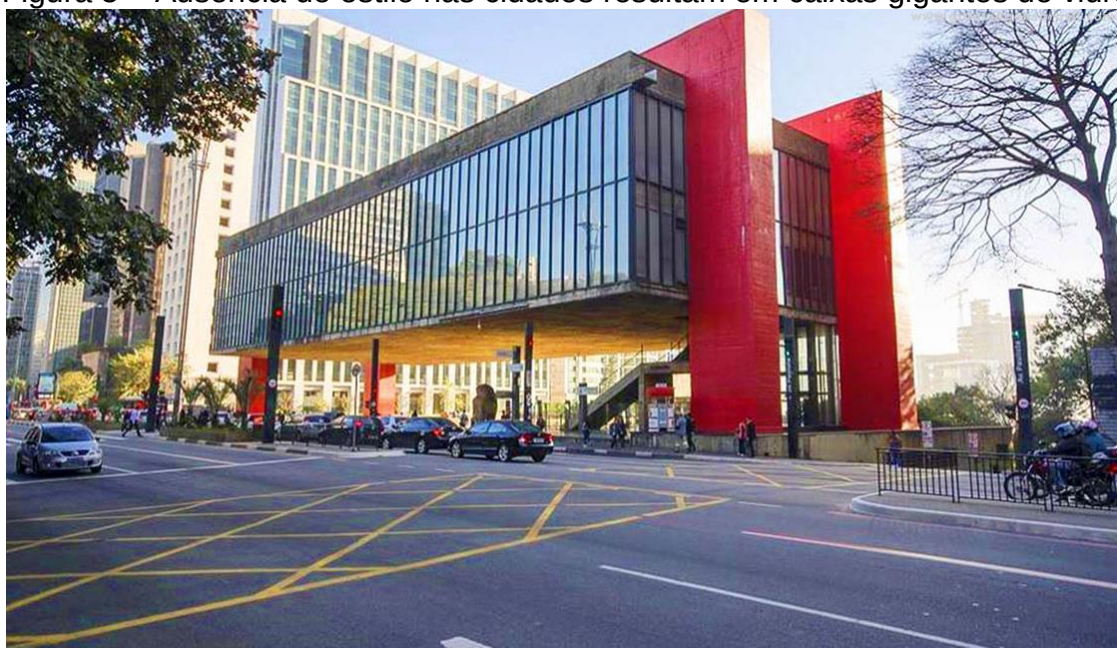
Fonte: Heloisa Righetto, 2016.

É relevante observar a importância que o entorno possui em relação às obras arquitetônicas, sendo necessário que exista uma adequação dos elementos, formando um ambiente mais sereno e equilibrado. O que é falado sobre a beleza em nossas vidas, ignora a beleza mínima. A beleza das grandes obras de arquitetura, na maioria das vezes, depende do contexto mais modesto que essas belezas inferiores proporcionam (SCRUTON,2009).

As pessoas estão em constante contato com a arquitetura, e já foi possível entender a importância que ela tem e o valor essencial que ela agrega no ambiente contemporâneo. Entretanto, ela não tem sido valorizada como antigamente, sendo plausível que se entenda o papel que a arquitetura e o urbanismo têm diante dos conceitos clássicos de beleza.

Os estilos predominantes nas cidades atualmente é a ausência de estilo, com resultados que não passam de caixas gigantes cobertas de vidros e madeiras, quando não, de exercícios geométricos imaginários sem qualquer ligação com ordens arquitetônicas tradicionais como o Museu de Arte de São Paulo (MASP) (Figura 5) que é materializado como um grande volume de concreto e vidro que se suspende para deixar o térreo livre, estruturando-se em dois grandes pórticos. Estes aspectos estão afastados das características encontradas na natureza, deixando a arquitetura fria e sem vida.

Figura 5 – Ausência de estilo nas cidades resultam em caixas gigantes de vidro



Fonte: Ricardo Junior, 2013.

Nos últimos anos, defensores dos conceitos clássicos de beleza tem inserido alguns traços estéticos nas obras arquitetônicas com o intuito de reconquistar essas características da essência tradicional (Figura 06). Os arquitetos têm inserido detalhes estéticos que agregam grande valor e harmonia as suas obras. Alguns traços demonstram cuidado com o legado estético que suas edificações trarão para o entorno urbano. Seja por motivos estéticos, seja por motivos comerciais, ou pelas duas, o fato é que parece estar havendo um certo resgate quanto ao estilo de algumas edificações, e estas merecem destaque e apreciação (SCRUTON, 2009).

Figura 6 – A reconquista dos traços da beleza clássica



Fonte: Josias Teófilo, 2018.

5. METODOLOGIA

A presente pesquisa, de natureza básica, caráter exploratório e abordagem qualitativa, foi constituída tendo a revisão bibliográfica como base metodológica.

Para cumprimento do objetivo geral, foram realizados estudos de caso com o intuito de contrapor cenários belos com base nos conceitos de Platão, apresentados na revisão bibliográfica. A partir dos estudos de caso, foram feitas análises das figuras apontadas à luz dos conceitos abordados, a fim de compreender, de maneira abrangente, o papel do belo no ambiente cotidiano, assim como a sua importância e as consequências da sua desvalorização.

6. ANÁLISE DE DADOS

6.1 Cidades belas no ambiente contemporâneo

A beleza está presente em vários elementos cotidianos e pode ser observada em diversos locais do mundo e neste trabalho será apresentado algumas cidades belas com o intuito de ilustrar brevemente os conceitos expostos pelos filósofos clássicos, sem, no entanto, almejar esgotar o assunto.

A cidade de Ouro Preto (Figura 07) está localizada em Minas Gerais, uma cidade histórica que possui um grande valor histórico para a arquitetura brasileira. O local encanta a todos com a sua arquitetura barroca, esta segue um padrão em todos os aspectos estilísticos, trazendo elementos harmônicos e que ornem com o entorno.

Figura 07 – Ouro Preto



Fonte: Monique Renne, 2015.

A cidade de Barcelona (Figura 08) está localizada na Espanha e uma referência para a arquitetura, com um grande museu a céu aberto que mistura resquícios de várias culturas que fazem parte de sua história. Bairros medievais e modernistas tornam a localidade uma atração belíssima para os admiradores da arquitetura que desejam apreciar belas e intrigantes construções.

Figura 08 – Barcelona



Fonte: Maria Rosa Ferre, 2018.

A cidade de Praga (Figura 09) está localizada na República Tcheca, esta é famosa pelo patrimônio arquitetônico conservado e pela vida histórica de grande valor. A região possui detalhes ricos, belíssimas paisagens e aparecem nos mais variados estilos, do gótico ao Art Nouveau, do Art Deco ao Modernismo, dispõe de uma mistura

bela, já que apesar de estilos tão distintos eles complementam-se e embelezam as ruas do local trazendo harmonia e beleza para as admiráveis obras e paisagens.

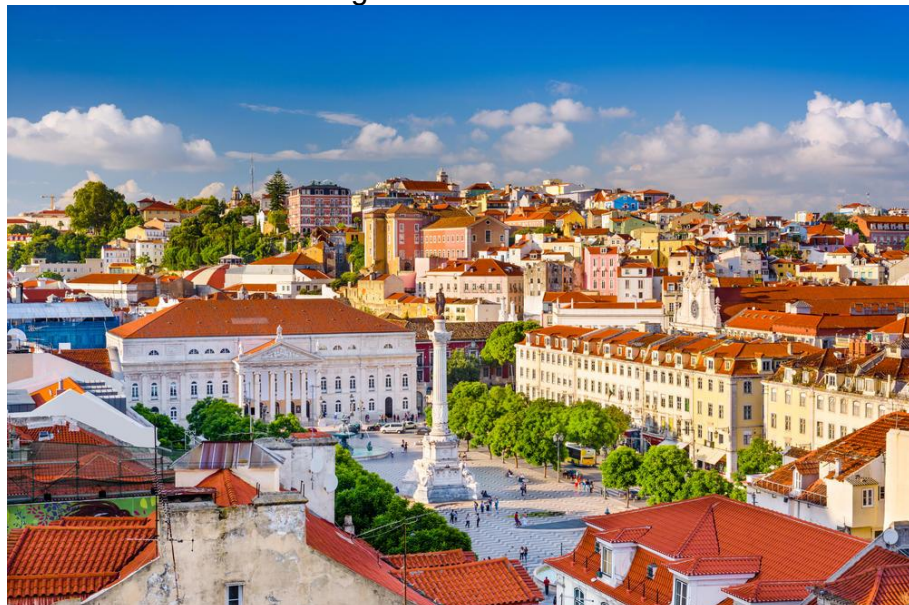
Figura 09 – Praga



Fonte: Dmitry Goykolov, 2020.

A cidade de Lisboa (Figura 10) está localizada em Portugal, possui uma arquitetura histórica, de pequena escala e quase desprezível, e é responsável pelo charme do local. Lisboa tem uma variedade de estilos arquitetônicos e apesar da destruição causada pelo grande terremoto em 1755, a cidade conseguiu escapar dos bombardeios da Segunda Guerra Mundial, e por isso é possível encontrar arquitetura de todas as épocas da sua história. Os estilos pombalina e manuelina são os que mais se destacam, assim como os interiores que são barrocos. A presença de estilo arquitetônico na localidade e o padrão dentro das obras e os elementos estilísticos trazem um grande equilíbrio e graciosidade para as paisagens e construções da região.

Figura 10 – Lisboa



Fonte: Tiago Daniel, 2018.

É possível observar a beleza através das cidades e paisagens destacadas, onde detalhes harmoniosos e encantadores fazem com que as pessoas as admirem e contemplem. Cidades que possuam um padrão estilístico, obras finalizadas e elementos equilibrados, que juntos formam obras arquitetônicas e paisagens belíssimas, e que possuem um grande valor histórico e cultural.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente estudo foi observar brevemente o panorama da desvalorização que o belo tem enfrentado no ambiente atual em diversas áreas da vida cotidiana, em específico a área arquitetônica. A ausência de elementos que compõem a beleza clássica das cidades, tem deixado os aspectos estilísticos tradicionais do belo em segundo plano dando prioridade para a funcionalidade, perdendo assim a essência primária clássica da beleza, estilo nas obras arquitetônicas e o valor histórico cultural das edificações.

A partir dos conceitos de Vitruvius, um dos três elementos essenciais e que formam a tríade vitruviana se mantém em segundo plano na atualidade, a *venustas* (Beleza), que anteriormente era um elemento de extrema importância para a arquitetura, recentemente tem sido abandonada e desvalorizada perante as pessoas e dando prioridade a *utilitas* (Utilidade).

A partir da análise de dados, foi possível apresentar cidades onde a *venustas* se apresenta como um elemento estruturante, onde possuem obras e paisagens belas, em que seus aspectos estilísticos ornaram com o seu entorno, trazendo elegância e sutileza.

É possível observar a necessidade em resgatar as essências tradicionais para que a beleza arquitetônica retorne para os meios urbanos, tornando as paisagens mais belas e harmoniosas. É preciso que as pessoas entendam a importância que o belo tem na vida cotidiana, em como essa beleza está presente em tudo em que as rodeia, desde as coisas mais simples até as mais exuberantes. Deve existir uma conscientização de que é necessário priorizar também a beleza.

Como o filósofo Scruton dizia, não é necessária uma obra de arte para nos mostrar a beleza do mundo, apenas devemos olhar para as coisas belas que nos rodeiam com atenção e sentimentalidade. Desde modo, o belo carrega uma grande relevância para o ser, se relevando através de coisas comuns do dia-a-dia, mostrando que a beleza real enaltece a vida e tudo que está junto a ela, como a paisagem, a natureza e a arquitetura. Desta maneira, pode-se dizer que o belo não está restrito, distante das pessoas e inalcançável, ele está diante delas, dentro dos lares e no meio urbano, sendo realmente admirado. O pensador defende o conceito de beleza mínima, pois ele acreditava que as coisas simples e naturais da vida cotidiana as deixavam mais belas.

“Pare de usar as coisas, de querer explicá-las,
em vez disso, contemple-as”.

- Shrewsbury

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRACONS, A. 100 anos de “A fonte”, de Marcel Duchamp. **Fascínio da fotografia**. Abr. 2017. Disponível em: <<https://fasciniodafotografia.wordpress.com/2017/04/08/100-anos-de-a-fonte-de-marcel-duchamp/>>. Acesso em: 18 Mai. 2020.

BORJA, Jordi. Notas para um manifesto. Fórum Alternativo ao habitat III (Parte I). **Archdaily**. Out. 2016. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/798681/notas-para-um-manifesto-forum-alternativo-ao-habitat-iii-parte-i-jordi-borja>>. Acesso em: 19 Mai. 2020.

CARVALHO, Herivelto Almeida. **História do Município de Ibatiba**. Por Comunicação, Prefeitura de Ibatiba. 10 Jan 2016. Disponível em: <<https://ibatiba.es.leg.br/noticia/2016/01/historia-do-municipiode-ibatiba.html>>. Acesso em: 19 Jun. 2020.

DANTO, Arthur C. **O abuso da beleza**. São Paulo, 2018.

ECO, Umberto. **História da Beleza**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro, Record, 2004.

ESPÍRITO SANTO. **Google Maps**: Trajeto de Vitória a Ibatiba via BR-262. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-20.2309632,-41.5105024,12z>>. Acesso em: 22 Jun. 2020.

HOLANDA, Marina. Clássicos da Arquitetura: MASP/Lina Bo Bardi. **Archdaily**. Jan. 2012. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-59480/classicos-da-arquitetura-masp-lina-bo-bardi>>. Acesso em: 20 Mai. 2020.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/ibatiba/historico>> Acesso em: 22 Jun. 2020.

JUNIOR, Ricardo. Fotos do MASP e da avenida de São Paulo. **Guia Viagens Brasil**. Out. 2013. Disponível em: <<https://www.guiaviagensbrasil.com/galerias/sp/fotos-do-masp-e-da-avenida-paulista/foto-masp-e-av-paulista-em-sao-paulo-brasil-0063/>>. Acesso em: 19 Mai. 2020.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. Tradução Valério Rohden e Antônio Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

KATINSKY, Julio Roberto. **Vitrúvio da arquitetura**. São Paulo: Hucitec, 1997.

PELLIZZARI, Michele. Santa Maria della Salute, Venezia. **MP Michele Pellizzari**. Ago. 2017. Disponível em: <<https://www.pellizzarimichele.it/blog/santa-maria-della-salute-venezia>>. Acesso em: 18 Mai. 2020.

PLATÃO. **A República**. 7. ed. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

RIGHETTO, Heloisa. Catedral de St Paul: Obra Prima de Christopher Wren em Londres. **Aprendiz de viajante**. Ago. 2016. Disponível em: < <https://www.aprendizdeviajante.com/catedral-de-st-paul-londres/> >. Acesso em: 18 Mai. 2020.

SCRUTON, Roger. **Beleza**. São Paulo, 2013.

TUFFANI, Eduardo. **Estudos Vitruvianos**. São Paulo: HVF Representações, 1993.